

Um voto

Caetano Veloso

Votei pela primeira vez aos 18 anos. No Marechal Lott. Meu pai era um funcionário dos correios que se sentia estimulado a trabalhar com ardor e honestidade justamente pelo caráter público do serviço. Tendia à esquerda mas desconfiava de Stalin. Entendia que Getúlio era importante por causa das leis trabalhistas mas abominava Filinto Müller. Manteve um retrato de Roosevelt na sala por alguns anos. Lott ter resistido à tentativa de golpe quando da eleição de Juscelino era motivo suficiente para que meu pai votasse nele. Mas eu não precisava ouvir suas opiniões para escolher candidato: Jânio me parecia algo grotesco, um comediante desprezível que apontava para o vazio. Eu me perguntava como havia gente disposta a votar nele. Décadas depois, ouvi narrativas fascinantes de cenas do sucesso paulistano da campanha de Jânio feitas por Jorge Mautner, cujos gestos e entonações já implicavam complexas análises. Mautner estava longe de ter por Jânio o desprezo simples que eu lhe dedicava. Filho de refugiado judeu da Áustria nazificada, ele sentia um sombrio fascínio pelas figuras políticas que crescem com aparência ridícula. Mas eu próprio, ainda hoje, tenho a ingênua certeza de que personalidades como a de Hitler nunca pareceriam merecer meu respeito, mesmo que eu tivesse nascido e crescido em seus países. Trump ou Putin, Berlusconi ou Kim Jong-Un. Aos 18, eu pouco sabia de Lott. Mas era suficiente que meu pai mostrasse confiança nele e que ele fosse o oposto de Jânio como tipo humano para que eu cumprisse com alegria o dever de votar.

Numa conversa sobre as habilidades musicais de Alexandre Pires, ainda na época do grupo Só Pra Contrariar, João Gilberto me perguntou se eu já tinha ouvido a mãe de Alexandre cantar. “Ela canta como uma americana” ele dizia com entusiasmo. “Como uma americana” significava ser dona de afinação perfeita, ter um sentido rítmico rico e

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

visceral, e uma percepção harmônica espontânea. As conversas de João abrem amplíssimos espaços mentais. Dizer que a mãe de Alexandre cantava como uma americana era frisar que o adestramento musical e a ambição estética foram desenvolvidos ao mais alto grau no ambiente da música popular dos Estados Unidos. Mas ecos de outras afirmações feitas por João a esse respeito, e em contradição com essa, punham o julgamento numa perspectiva inaugural. Anos depois, uma declaração minha, feita em entrevista, de que a música popular americana era a melhor do mundo provocou revolta em Hermeto Pascoal. Este me desqualificou como músico por causa dessa fala. Claro que ele tinha razão ao avaliar minha musicalidade. Mas respondi que não era eu quem dizia aquilo, a própria música de Hermeto, tão grandemente formada no ambiente jazzístico, é que o atestava. Pois bem, toda essa discussão – e sua superação – estava já embutida no comentário de João sobre a mãe de Alexandre. Ele falava como que com uma autoridade vinda de um futuro grandioso, do Quinto Império de Vieira, da Era de Aquarius, do mundo aberto ao Ser do Heidegger de Luiz Carlos Maciel. E no entanto estava ali, pedestre, humilde, fosco.

Os programas de calouros do século 21, *reality shows* eivados de sentimentalismo e suspense forçado, parecem negar a força dessa tradição de adestramento e inventividade estética, expressões da energia histórica dos EUA. Talvez eu esteja me arriscando aqui a desprezar o que acontece de invenção no ambiente contemporâneo da indústria da música no mundo rico de fala anglo-saxã. D'Angelo, Bjork, James Blake, Kanye West, Joanna Newsom, tantos parecem provar que os arreganhos dos *reality* são parte saudável do equilíbrio de forças que propicia tal opulência. Por outro lado, a crítica frankfurtiana da indústria cultural há muito descreveu o que parecia riqueza como prova de decadência da vida humana no estágio avançado do capitalismo (o que, como notou Safransky, aproxima, de modo no mínimo irônico, Adorno de Heidegger). Isso poria já a canção americana dos anos 1930 no mesmo nível de American Idol. Pessoalmente, nunca aderi ao pessimismo de Adorno, embora ache mais graça e sentido em suas caricaturas das pretensões do jazz do que são capazes mesmo seus discípulos. E essas caricaturas iluminam minha apreciação de truques rítmicos do hip-hop americano de hoje, mesmo –

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

talvez principalmente – nos artistas que mais me atraem e encantam. De qualquer forma, detecto diluição da potência nas firulas e gritos premiados do The Voice. João Gilberto, que estava celebrando justamente características semelhantes no canto da mãe de Alexandre Pires – ao mesmo tempo vendo ali exemplo de quando grito e firula são parte integrante de estilos nobres, como os de Sarah Vaughan ou Aretha Franklin, e a importância disso ter sido atingido por uma brasileira – , relançava assim seu programa grave de concentração que dá à nossa música sua responsabilidade real.

Se não fosse uma blasfêmia parodiar “Paratodos”, de Chico Buarque, canção que já me fez chorar quando a ouvi, ainda inédita, na casa do seu autor – e voltou a me levar às lágrimas no final do recente documentário feito por Miguel Farias sobre ele – esta seria minha versão de sua primeira estrofe:

O meu pai era baiano
Meu avô era baiano
O meu bisavô, baiano
Meu tataravô, por certo
E meu mestre soberano
É o baiano João Gilberto.

João Gilberto tomar o lugar de Tom na minha versão cômica de “Paratodos” é coerente com a escolha de João como núcleo do fenômeno histórico que foi a bossa nova. Jobim é, como escrevi num release para um disco seu, o sol da nossa música. Ele a enriqueceu com o mais exuberante conjunto de canções, fez a mais completa homenagem à tradição de Pixiguiinha, Noel e compositores das favelas e dos carnavais, assim como dos sertões do Nordeste, enquanto simultaneamente enriquecia a linhagem histórica nascida no impressionismo francês e cultivada na moderna canção americana. Escreveu os mais belos e econômicos arranjos para os sambas que João gravou, criando peças de câmara que eram ao mesmo tempo exemplos de singeleza popular. A sua é a obra de um gigante que não tem competidores. Minha eleição de João Gilberto como figura nuclear vem do

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

fato de este ser, antes do sol, a escuridão que precede a criação da luz e o momento em que esta surge. Ele é punk, é contracultural, é rock, é Webern, é rebeldia permanente. Nada se iguala à produção cancional de Tom Jobim, mas João ensinou marxismo a Sérgio Ricardo e me pediu para entender os olhos azuis de Garrastazu Médici. Como disse Memélia, a mãe de Chico, os outros fingem que são malucos, mas João é maluco de verdade. Foi sua voz que ouvi e que mudou a minha vida. A mesma voz mudou a vida de Tom Jobim. Não há escolha que eu faça que não se funde na memória do momento dessa mudança. Eu já tinha ouvido João quando votei em Lott.

Quando iniciei os ensaios para Dois Amigos, Um Século de Música, pensei que ter aceito o convite do contratante europeu para fazer uma turnê ao lado de Gil fosse ser, afinal, mero caça-níquel: repertório redundante e absoluta impossibilidade de eu tocar um violão ao menos aceitável ao lado do meu colega. Precisei enfrentar umas quatro apresentações para admitir que havia um pouco de “Paratodos” no nosso show. Um pouco é muito. Hoje, há o sentimento de que o Brasil está acabando, de que não se pode suportar outra década perdida, de que descer tanto quando se esboçava aprender a subir é prova de que nunca sairemos do buraco em que sempre estivemos. O cu do mundo. Nossos shows nos diziam que há uma luz mais alta apontando para outras possíveis visões. Gil tinha saído da turnê intitulada Gilbertos Samba, em que retomava o repertório de João Gilberto, e eu resistia a que ele parasse com ela. Eu queria que o mundo o visse tocar “É Luxo Só” ou “Você e eu” com os estudos do ritmo do samba feitos por Domenico Lancelotti e Bem Gil em aparatos eletrônicos – e a inspiração harmônica do magistral garoto Mestrinho no acordeom. Bom, o show chegou ao menos aos Estados Unidos, onde, no *New York Times*, foi criticamente consagrado. Mas Gil queria fazer o que o contratante europeu propunha. Honrava-me estar perto dele. Mas comecei hesitante. O que aprendi com ter feito o Dois Amigos não tem preço.

O disco *Gilbertos Samba*, que motivara o show de mesmo nome, dizia-se homenagem a João Gilberto, mas no show é que se percebia com clareza que Gil sendo mais intensamente Gil reafirmava João. Diante do concerto o próprio disco ganhava esse sentido na memória do ouvinte. No nosso Dois Amigos, era o Gil pós-Gilbertos que se

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

reunia a mim. Nossa luz e nosso breu vêm muito de sermos baianos. Neste momento brasileiro, os conseguimentos dos membros do grupo que chegou ao Rio na esteira da substituição de Nara Leão por Maria Bethânia no espetáculo Opinião têm tido muita importância na difícil conformação da minha visão das coisas da política e da história.

O show Estratosférica, que Marcus Preto concebeu para Gal Costa, com a banda dirigida pelo baterista Pupilo, é um acontecimento que enche a alma e mostra ser a história brasileira embolada mas teimosa. Vim da Bahia com Bethânia, Gal e Gil na cabeça e no coração, como promessas de transformação nacional. Se eles estão mostrando forças e nenhum sinal de desistência, concluo que o Brasil é viável. Estas são escolhas íntimas: eles são partes do meu corpo. Mas fenômenos como o do baile de favela, da afinação e propriedade de artistas como Pablo ou Anitta, do ciclo de filmes pernambucanos como *O som ao redor* e *Boi Neon*, assim como a Regina Casé do profundo *Que horas ela volta*, de Anna Muylaert, me dizem a mesma coisa.

Ver a Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira voltar a ser campeã num desfile que homenageava Bethânia pôs em dúvida a constatação de que nenhuma força nos salvará. Há anos que sonho em fazer uma antologia da axé music. Outro dia, conversando com um amigo economista, perguntei por que não se fazia um estudo da economia do carnaval baiano. Há ali um exemplo de empreendedorismo vinculado a uma expressão estética que representa algo essencial na cultura brasileira. Numa canção que compus há mais de 10 anos, digo:

Comprar o equipamento e saber usar

Vender o talento e saber cobrar, lucrar.

Vi Moraes Moreira opor-se ao axé dizendo que, com este, ele e outros foram atropelados por empresários que impunham seus artistas às emissoras de rádio através de jabá. Isso se parece com o que ouvi de vários compositores (Ary Barroso à frente) nos anos 1950 a respeito do carnaval carioca. “Vender o talento e saber cobrar, lucrar” é verso que canto em tom de oração: nenhuma aceitação de desonestidades mas o movimento de

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

intensificar a luz do que é luminoso. Ou será que um nietzscheanismo de rapina é que surge aqui? Seja como for, eu não acho que seria melhor se Harmonia do Samba, Daniela Mercury, Ivete Sangalo ou Carlinhos Brown não tivessem surgido. Moraes deveria antes orgulhar-se de ter criado o modelo que deu nisso tudo. Mas é bom que ele resista: a pendenga dá mais nervo à música carnavalesca da Bahia. A Mangueira é algo maior do que os jogos de poder e de grana que se dão nas entranhas do carnaval carioca. Ter vencido com Bethânia (a deslumbrante e digna Bethânia, artista e mulher honesta até a medula) diz que podemos afirmar o Brasil. O que em alguns blocos baianos são as antigas cordas, se transformou, no Rio, em muralhas de concreto que separam os que podem pagar muito dos que não podem pagar nada para ver as escolas. Mas não desejo que se negue Mangueira nem Darcy Ribeiro nem Oscar Niemeyer nem Brizola. A afirmação nacional importa. Briguei contra os nacionalistas dos anos 1960 porque eles eram defensivos. A atitude que aprendo com o Psirico me leva a dizer que Liv Sovik, ao escrever “têm razão os que contrastam os EUA com o Brasil, valorizando o quadro brasileiro: para os brancos, especialmente, ele é muito melhor”, soa para mim como alguém trabalhando para a CIA. Roberto da Matta arremata que somos tão preconceituosos que nunca precisamos de “rotinas segregacionistas”. Os colonizadores ingleses dos impressionantes Estados Unidos convenceram-no de que, diferentemente de nós, tiveram de esforçar-se para produzir algum racismo. O nosso é espontâneo.

Quando votei em Lott eu já achava que as questões de raça teriam de ser levadas em conta quando se quisesse enfrentar a injustiça social. Assim como as de gênero: eu tinha lido Simone de Beauvoir e *O segundo sexo* articulava as ideias sobre a opressão da mulher que me surgiam na mente desde a pré-puberdade. E o Sartre do *Orfeu negro*. Quando conheci Gil, em 1963, impressionou-me a total ausência, nele, de qualquer traço de pensamento ou sentimento a respeito da situação do negro entre nós. Eu amava e até invejava sua percepção naturalmente não racialista da vida. Mas sentia também uma ponta de impaciência.

Jânio venceu, fez muita papagaiada, renunciou, e veio a ditadura.

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

Quando voltamos a poder votar, escolhi Brizola. Ele tinha voltado do exílio falando nas “perdas internacionais” e citando não sei que exemplo da Austrália. Parecia trazer o que o PT de Lula não apresentava: uma concepção da luta contra a desigualdade sem restringir-se à visão dos grupos organizados do operariado do ABC paulista e dos intelectuais da USP. Não que a criação do PT, exatamente nesses ambientes, não me empolgasse: cheguei a usar a estrelinha na lapela. Mas nunca entrei em nenhum partido. O que me parecia óbvio é que o surgimento do PT modernizava a cena política nacional. Dentro desse mundo renovado é que eu queria ver Brizola atuar. Collor era uma versão nova dos histriônicos de que sempre desconfio. Fiz campanha para Brizola e vi que Collor preferiria concorrer com Lula no segundo turno: com seu eleitorado restrito aos sindicatos, aos jovens das grandes cidades e a senhores letrados, ele seria mais fácil de ser vencido do que Brizola, com sua ameaça getulista de reunir áreas mais amplas. Quando abriu-se o segundo turno, voltei-me para Lula e participei de comício na Praça da Apoteose. Foi a primeira vez que votei nele. Collor elegeu-se, sofreu impeachment, Itamar Franco o substituiu e convocou a equipe econômica que derrotaria a inflação.

Como tantos brasileiros, votei em Fernando Henrique. Ele era o príncipe de Glauber Rocha, um acadêmico de esquerda que dera o braço a Lula na luta contra o regime militar. A figura de Lula deveria, para mim, estar sempre no horizonte, sua presença sentida pelo todo da sociedade. Mas, diferentemente dos esquerdistas que votavam nele, eu tinha perdido a confiança nas revoluções que prometem mudar tudo de uma vez: elas levavam a autocracias totalitárias.

Nos anos 1980, José Almino mencionou um Unger que escrevia na Folha. Ele era também um Mangabeira, ou seja, baiano em alguma medida. Zé queria me atrair para o autor. Fui ler um artigo seu na *Folha* e, desde então, meu interesse por ele só fez crescer. O artigo chamava a atenção justamente para as limitações do PT por ser um partido das minorias trabalhadoras organizadas. O PDT de Brizola teria abrangência maior. Passei a citar Mangabeira em todas as entrevistas que dei. As referências a seu nome nunca eram reproduzidas quando as entrevistas eram publicadas. Isso durou mais de década. O que me irritou e fez aumentar minha curiosidade pela figura do articulista. Fui buscar coisas

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

dele ou sobre ele. Devagar. Por causa de minha teimosia em citar seu nome, Mangabeira me procurou. Quando tentou uma pré-candidatura à presidência, gravei uma curta fala para anúncio na televisão. O que me interessa em Mangabeira é sua crença num experimentalismo que realize revolução sem trauma bélico, num gradualismo que não quer dar uma face humana ao capitalismo liberal mas transformar instituições de modo a superar a opção entre render-se aos especuladores financeiros ou aos crentes no determinismo do marxismo vulgar. E sua certeza de que o Brasil é oportunidade para tais experimentos. Ele é a única figura da esquerda que parece compreender a importância do liberalismo político sem desvinculá-lo totalmente do liberalismo econômico, como faz Bresser Pereira em seu último livro, de modo didático mas excessivamente simplificador. Mangabeira é o único esquerdista brasileiro que cita John Stuart Mill. Seu texto ministerial sobre economia, em que fala de empreendedorismo de vanguarda, mostra como ele pretende ver a energia do povo brasileiro sendo canalizada de modo a gerar ondas de criatividade que levem o Brasil à grandeza. Ele é também a única voz nas esquerdas a perceber a importância do crescimento das igrejas neopentecostais. Isso coincide com minha percepção de que os evangélicos ensinam as pessoas comuns a nobreza da prosperidade: trazem uma lição liberal. Descartar as contribuições de Mangabeira me parece mais um sintoma do aspecto doentio de nossa vida intelectual.

Votei em Marina Silva e declarei o voto. O projeto PT dava mostras de esgotamento. Marina, com uma trajetória de esquerda autêntica e coerente desde o começo, uma figura de mulher cafusa, ligada às lutas ambientais desde sua colaboração com Chico Mendes, evangélica, que cresceu analfabeta mas estudou com esforço e inteligência notáveis, é uma personalidade que o Brasil tampouco tem o direito de descartar. Conheço a divergência entre sua posição e a de Mangabeira. Quando este publicou “O que a esquerda deve fazer”, participei do evento de lançamento em São Paulo. Eduardo Gianetti, que foi assistir à conversa pública de divulgação da obra, queixou-se comigo depois: “Pena vocês não terem aberto a discussão para a plateia: eu perguntaria por que não há uma única menção à questão ambiental no livro do Mangabeira”. Achei e acho pertinente a pergunta de Gianetti. Mas Mangabeira é

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

indispensável. E quando surge uma orientação dele a respeito de como deve se comportar um governo brasileiro em relação ao problema ecológico, como aconteceu em seu artigo sobre a crise publicado recentemente no caderno Ilustríssima da *Folha de São Paulo*, vejo que vale a pena esperar por suas observações. As palavras finais desse artigo, aliás, são arrebatadoras. Sei que há a fundamentada desconfiança da figura do intelectual que decide ser político. É uma pergunta que sempre se coloca, a começar pelas experiências de Platão. Mas Unger, que vê o socialismo, o liberalismo e a democracia como braços profanos do cristianismo, apresenta propostas práticas que convidam à discussão e encontram silêncio como resposta. Suas advertências sobre encarar a crítica da “sentimentalização das trocas desiguais” (expressão excelente que ele cunhou e tanto nos ajuda a pensar a sociedade brasileira) – encará-la mas não parar nela – são arma para nosso espírito.

Votei em Ciro Goes na eleição de 1998: eu não era a favor da reeleição. Agora, sabendo-o possível candidato, penso em voltar a fazê-lo. O discurso de Mangabeira em sua volta ao PDT, que vi na internet, me convenceu. A entrevista de Marina à *Folha* era honesta e amável. Mas a que ela deu ao *Valor* depois é muito melhor. Mais uma vez, senti que ter a figura daquela mulher representando nosso país no mundo é algo com que meu espírito de artista pop sonha desde sempre. Mesmo assim, se tivesse de decidir hoje entre o que li ali e o que ouvi Mangabeira dizer sobre a candidatura de Ciro, acho que ficaria com este último. Sinto mais integridade e inteireza pessoais nela. E, diferentemente de meus amigos esquerdistas, não rechaço o pensamento político-econômico de Eduardo Giannetti: ele fez sua redescoberta do Brasil de modo também peculiar. Seu diálogo com o liberalismo econômico é crítico (concordo que mais nos livros do que nas entrevistas ligadas à campanha de Marina) – e ele sabe buscar com sutis formas de afirmação nacional. Mas tendi mais para Ciro. Em grande parte por causa de Mangabeira. Não que Mangabeira vá governar o país através dele. Imagino que Ciro poderá melhor que ninguém aproveitar o que Mangabeira tem para dar.

Um voto é só um voto. Uma pessoa conhecida do público declarar em quem vota pode ter alguma repercussão (inclusive negativa). Creio que vale a pena tentar expressar

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

de público os meandros por que passa uma escolha minha. Tenho a ilusão de que isso pode enriquecer os diálogos internos que alguns poucos outros venham a ter quando se puserem a questão. Lott, João Gilberto, Mestrinho, Adorno, tantas entidades no terreiro para explicar e confundir meu ensaio de voto.

Achei odiosa a campanha de desconstrução de Marina liderada pelo PT quando das últimas eleições. Ao saber da prisão de meu colega Patinhas (o João Santana), senti tristeza e mal-estar, mas também surgiu um “bem feito” no fundo da minha alma, principalmente por causa da campanha contra Marina. Mas votei em Dilma contra Aécio. Eu tinha me comovido diante da urna quando votei em Lula contra Serra. Sabia que era a hora dele – e nunca me arrependi. Em Dilma foi um voto frio. Os meandros: de cara, o PSDB nunca antes tinha sido tão completamente tomado pela direita. Os fanáticos malucos que pediam a volta da ditadura; colegas meus em euforia conservadora; articulistas reacionários – minha necessidade de destoar dessa fauna era visceral. Mas, diferentemente de quando votei em Lula na eleição que o levou à presidência, meu voto em Dilma era problemático. Cheguei a dizer ao amigo Silvio Osias que, em certa medida, era um voto contra o PT: dada a combinação da queda do preço das *commodities* com as decisões nada inspiradas de Dilmantega, quem quer que se elegeisse no apertado pleito de 2014 encontraria pesadas dificuldades para tocar o barco. Vencesse o candidato opositor, a essas dificuldades se somariam os movimentos sociais, a jovem esquerda letrada das cidades grandes e o culto populista ao partido de Lula nos rincões do interior. Que a própria Dilma enfrentasse o problema. Li a *Construção* de Bresser. Conversei com André Nassif e achei que Dilma deveria convidar Nelson Barbosa para a Fazenda. Como Mangabeira, achava que o ajuste fiscal se impunha. Calculava que um desenvolvimentista estaria em sintonia natural com Dilma e poderia fazer o ajuste sem uma grita contra tão maciça como a que se deu com a escolha de Joaquim Levy. O governo teria mais calma para pôr em prática o que era preciso. Ter chamado Levy demonstrou inabilidade. Prova-se agora que reações das organizações políticas e da sociedade não faltam: a tentativa de impeachment é apenas a ponta do iceberg. Não quero ver o Brasil cindido. Estou certo de que desejo muito mais a grandeza do Brasil do que a

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

prova da teoria da mais-valia ou o êxito total do capitalismo. Minhas motivações são de sonho de afirmação nacional, na crença de que podemos criar algo que ensine ao mundo a ternura de que falam tanto Mangabeira quanto Giannetti. A volta de Lula? O pensamento sobre 2018 trouxe a hipótese. Lula é um líder de grandeza incomparável, talvez só Getúlio. Seu discurso em resposta à estranha decisão do juiz Moro de expedir uma condução coercitiva para levá-lo a depor sem que ele tivesse se negado a fazê-lo mostrou um político potente. Pouco depois, ele já aparecia como um ex-líder. Entristece, mas a fórmula de liderança populista é algo que me sugere retrocesso a velhos males latinoamericanos.

Cristóvão Buarque saiu do PDT. Considero uma perda para o partido e para o Brasil. Escrevo em meio a primeiras páginas de jornais e telas de TV gritando as acusações contra Lula e Dilma que Delcídio Amaral teria feito e dando conta do mandado expedido pela Lava Jato contra o ex-presidente. Penso que a leitura de Demétrio Magnoli é realista: o gesto do juiz responde à substituição do Ministro da Justiça sob a queixa do PT de que ele não “controlava a Polícia Federal”. Mas tem muita pinta de gesto midiático e pode ser apenas um teste. Estou com os que acham errada a decisão de Moro. Tenho como base o que motivou a luta estética em que me meti desde moço: superar a brutal desigualdade que fende a sociedade brasileira. Jessé Souza pode ser Tosco, com seus “posto que”, que não parecem homenagem ao famoso escorregão de Vinicius, mas acima de todas as sofisticções da inteligência está o fato de que o Brasil sempre é decidido pela miniminoria de privilegiados. Chega. Lula voltará como Getúlio, nos braços do povo, ou seu desgaste se provará maior do que seu mito? No calor da hora: o MP paulista pede sua prisão preventiva. Sinto-me mais perto do que nunca dos que veem nessa onda o interesse do privilégio, o aspecto horrendo do organismo Brasil defendendo-se de possíveis mudanças. Por isso, carioca, votarei em Freixo. Não quero que o Brasil ensine ao mundo como perpetuar a pobreza, como desencadear linchamentos, como manter jovens negros presos, como ser cruel sem perder o charme. Por tudo isso, gasto tempo falando sobre voto, num momento em que tantos parecem desqualificar os ritos democráticos. Com ruas limpas e sinais de trânsito respeitados por muito menos carros do que se usam hoje,

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

ISSN 2236-2037

já que teremos transporte público abundante e de qualidade movido a energia não poluente, o Brasil deve ter o que sabemos que pode ter para ensinar ao mundo. Já estamos há tempo demais esperando que sucessivos agravamentos da crise produzam avanço. Até aqui, as crises só têm gerado crises. Escrevo como cantor, baiano, eterno suspeito por fugir das cartilhas e falar demais, com o ânimo de quem pensa que o Brasil da Mangueira de Bethânia tem outro destino que não o simples fiasco.